

O CASO DOS DOCUMENTÁRIOS

UMA CARTA DE LEITÃO DE BARROS

Meu caro Avelino de Almeida. — Sem lisonjas des cabidas — que seriam impróprias de si e de mim — quero felicita-lo pelo artigo de *Cinéfilo* de hoje, sôbre o caso dos documentários portugueses.

Uma indústria importante (e que começa, pode dizer-se, entre nós) como o Cinema, não pode dispensar uma élite sensata e independente que oriente a opinião e reponha no seu justo equilíbrio os vários interesses em jogo. Por isso o li com prazer.

A missão altamente pedagógica, e de expansão artística e cultural, que por índole pertence ao Cinema, está sendo prejudicada, de facto, com a exhibição dêsses pseudo-documentários portugueses que constituem os desagradáveis prelúdios dos programas dos nossos salões.

Refere-se V. às deficiências dos operadores. Tem razão. Mas diga-me se, pagando os distribuidores a 6 escudos o metro de filme pronto a correr e custando êle aproximadamente esc. 4.50, será possível, por quinze tostões o metro, pagar alojamentos, deslocações ou passagens, director, etc. ?

Sucede ainda que os distribuidores (que não o público) preferem a um bom documentário uma má farça.

Onde está o estímulo para que alguém, dispondo de recursos de cultura e de gôsto, se abalance a dirigir documentários sérios, da vida, dos costumes, da paisagem e da etnografia nacionais ?

Onde está a coragem que resista a ver truncar em postas de 100 metros um documentário com princípio, meio e fim ? Não lhe oculto — embora isso nada interesse, por enquanto, aos seus leitores — que trabalho corajosamente para realizar Cinema, contando partir dentro de semanas para a Alemanha, numa viagem de estudo. Como primeiro ensaio, realizei, com o meu assistente, um documentário. Realizarei mesmo mais, antes de entrar no cinema de acção. Tremo, não já pela aceitação dos exhibidores, nem pelo baixo preço por que, decerto, o venderei mas pela má orientação que preside em algumas firmas, truncando e fazendo fatias de documentários, sem tom nem som, e apenas com o evidente intuito de cumprir aparentemente uma lei.

Junto os meus votos aos seus para que a nova lei, que há tanto tempo está incubada, apareça finalmente, com um claro critério de protecçionismo, como é mister, mas sem assegurar comodismos imorais, o que seria contra-producente.

Aproveito o ensejo para o felicitar pelo êxito crescente e já insofismavel do seu jornal.

Amigo e camarada

Leitão de Barros